

10 mandamentos

O primeiro mandamento

Êxodo 20:3 Não terás outros deuses diante de mim.

Desobediência - Acabe e o povo de Israel.

Obediência -Daniel na cova dos Leões.

Salmos 119:7 Render-te-ei graças com integridade de coração, quando tiver aprendido os teus retos juízos.

A quem devemos adorar?

"Quando a gente se liga com a mãe terra, se liga ao mesmo tempo com todas as estrelas, com toda a criação, com o próprio espírito do Criador. E aí, você não precisa de religião alguma". Essas palavras foram proferidas por um índio civilizado, de São Paulo, envolvido na prática mística de curas e que também aplica técnicas aprendidas no Candomblé. Elas foram registradas pela jornalista Valéria Martins em um livro chamado Encontros com Deus. Esse livro não é uma coletânea de ideias de pessoas exóticas. Na realidade, a autora transcreveu entrevistas com 21 pessoas de destaque, de uma forma ou de outra, nos vários segmentos da sociedade, que relatam os seus "encontros com Deus".

Tirando dois depoimentos, de pessoas que se identificam como evangélicas, é intrigante como as palavras desse índio reflete algo comum, presente nas outras 18 entrevistas: o Deus verdadeiro está ausente do encontro com deus daquelas pessoas. Todos os entrevistados apelam a alguém ou algo que denominam de "deus", mas não há identidade com o Deus revelado nas Sagradas Escrituras.

A devoção e até a sinceridade de culto não é direcionada ao Criador Soberano.

O conceito de Deus de cada uma dessas pessoas, é estranho às objetivas proposições sobre a divindade, que são encontradas na Bíblia.

Temos as palavras de um rabino. Contrariando a objetividade do Deus das Escrituras (Dt 6.4), ele afirma que "a dimensão do sagrado é subjetiva... Deus, é subjetivo". Temos também uma psiquiatra, que nos informa ter sido levada a admitir a existência de Deus por um processo de regressão. Em suas conclusões, contradizendo a exclusividade do encontro com Deus na pessoa de Cristo (João 14.6) ela chega a afirmação: "quando a busca de Deus é sincera, pode-se usar qualquer caminho". Temos o depoimento de uma artista plástica. Ela foi educada em ótimos colégios evangélicos, peregrinou por igrejas liberais, pela renovação carismática católica e diz ter encontrado Deus no caminho de Santiago de Compostela na Espanha. Entretanto, indo de encontro às Escrituras, que nos

ensinam que Deus se manifesta em Cristo (1João 1.4) - que é o próprio Deus - ela diz que "Deus se manifesta através dos sinais".

Hoje em dia, ela "reza sozinha e não frequenta mais qualquer igreja".

Gente famosa está entre as pessoas entrevistadas, como o conhecido escritor Paulo Coelho. Ele informa que foi ateu até os 17 anos de idade. Sempre envolvido com drogas, passou a participar de sociedades secretas e místicas, muitas claramente envolvidas com o culto à Satanás. Seu encontro com Deus, conforme seu depoimento, deu-se em uma ordem secreta da igreja católica, a RAM (Rigor, Amor e Misericórdia) à qual ainda pertence. Demonstrando rejeitar que Jesus Cristo é o único e exclusivo caminho, ele diz: "O caminho de Deus é um caminho individual. Cada um segue o seu caminho pessoal e ponto final".

Rejeitando as Escrituras como única fonte de conhecimento e prática, ele diz que "as práticas que indico aos meus discípulos são baseadas na minha intuição".

O rosário de ideias estranhas e equivocadas continua na entrevista de uma escritora e auto-intitulada terapeuta, amiga de Paulo Coelho e Shirley MacLaine. Ela afirma ter encontrado Deus na "inteligência cósmica" e no Caminho de Santiago de Compostela. Contrariando as Escrituras, onde encontramos o registro de que em Deus temos a própria fonte de nossa existência (Atos 17.28), formando ele os nossos destinos, ela afirma: "vejo-me como criadora de minha própria vida através da lei de ação e reação... Dessa forma vou desenhando a minha história". Uma empresária, evidenciando o misticismo já característico de tantas entrevistas prévias, diz também ter encontrado a Deus através de métodos místicos. Desconsiderando o ofício de único mediador de Nosso Senhor Jesus Cristo (1 Timóteo 2.5), ela aponta o ponto culminante de seu encontro com Deus como sendo a descoberta dos ensinamentos de um guru indiano. Suas decisões na vida são determinadas pela utilização do I Ching que hoje lhe "serve como uma bússola".

O que têm em comum o rabino, os praticantes de cultos afro-brasileiros entrevistados, os místicos e esotéricos, os intelectuais e os empresários envolvidos com técnicas de regressão para descobrir o sentido da vida?

Projetando, cada um, sua ideia subjetiva do deus que querem adorar, quebram todos, conjuntamente, o primeiro mandamento:

Não terás outros deuses diante de mim!

A obrigação primordial das pessoas para com o seu criador é o reconhecimento de que Ele é o único Deus. As pessoas, em seu estado natural de pecado, têm a tendência de adorar coisas visíveis em lugar do Criador. As Escrituras registram várias ocasiões em que o povo de Deus caiu nesse pecado.

Por outro lado, temos registros de fidelidade e adoração verdadeira ao Deus Criador e de como essa lealdade foi reconhecida e recompensada por Deus.

Deus levou Moisés a registrar a seguinte declaração, em Deuteronômio 6.4: "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor".

Essa passou a ser a expressão máxima do monoteísmo do povo de Deus, um lembrete constante do reconhecimento de que só existe um único Deus verdadeiro. No Novo Testamento, quando Jesus Cristo reforça o nosso dever de amar a Deus acima de todas as coisas, ele cita Dt 6.5 Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força.

Na realidade, ele não estava apresentando nada de novo, peculiar à Nova Aliança, mas sim reafirmando a sua vontade, expressa desde o Antigo Testamento ao seu povo. Essa obrigação, de amar a Deus somente a Deus, deveria ser transmitida geração após geração.

Em sua palavra, Deus registrou exemplos e consequências tanto de desobediências como de obediências. Escolhemos para o nosso exame, como exemplo de desobediência, o incidente no qual Acabe leva o povo à idolatria.

Os falsos sacerdotes e a falsa religião são confrontados por Elias. O poder de Deus se manifesta, pela ação de Elias, e a verdadeira adoração é demonstrada em toda sua plenitude.

Por outro lado, como exemplo de obediência, temos o testemunho de Daniel. Condenado por adorar ao Deus verdadeiro e forçado a adorar a um falso Deus, ele resiste. Sua fidelidade é recompensada e torna-se um testemunho do poder de Deus para com os seus.

A falsa religiosidade exposta e punida.

O caráter ímpio do rei Acabe.

Acabe foi um dos reis mais ímpios de Israel. O texto bíblico repetidamente registra essa característica, como **I Reis 16.33 Também Acabe fez um poste-ídolo, de maneira que cometeu mais abominações para irritar ao Senhor, Deus de Israel, do que todos os reis de Israel que foram antes dele.**

A palavra de Deus também registra a sua idolatria e como ele incentivou o culto ao deus pagão Baal.

Baal: Nome do principal deus pagão da terra de Canaã, que foi dada por Deus aos israelitas. Deus havia ordenado a cessação do culto a qualquer outra divindade. Semelhantemente, toda lembrança dos cultos pagãos deveria ter sido eliminada daquela terra, para não contaminar a pura religião. Os israelitas desobedeceram e caíram repetidamente em idolatria, afetando o Teocentrismo e Monoteísmo que deveria caracterizar o povo de Deus. A desobediência dos israelitas preservou vivo o culto ao deus Baal, que de tempos em tempos ressurgia, numa clara desobediência ao primeiro mandamento, como ocorreu aqui, no reinado de Acabe. Sua mulher, Jezebel, o superava em maldade e mandou matar os profetas do Senhor (I Rs 18.4).

O caráter e a missão de Elias.

Elias significa: "YHWH é Deus". Um nome apropriado para uma época em que o culto a Baal ameaçava extinguir o culto a YHWH, em Israel.

Deus deu uma missão espinhosa a Elias. No meio de tanta oposição ele seria o porta-voz de uma mensagem de castigo: **I Rs 17.1**

Ele confrontou diretamente o rei Acabe, em toda sua maldade e poder. Teve que fugir e foi sustentado por Deus, por intermédio de corvos, e por uma viúva.

Acabe o odiava tanto que o chamava de "perturbador de Israel" (**I Rs 18.17**).

Três anos depois do primeiro confronto, a fome era extrema, em Israel. Deus mandou Elias, mais uma vez falar com Acabe. Desta vez ele é levado por Deus a uma demonstração do poder de YHWH sobre os falsos deuses.

Deus manifesta o seu poder através de Elias.

Acabe estava explicitamente desobedecendo ao 1º mandamento. Elias desafia 450 profetas do falso culto dos que praticavam a adoração e invocação a Baal (1 Rs 18.20...).

O povo reconhece o poder de Deus (v. 39) e, sob a liderança de Elias, elimina os falsos profetas (v. 40).

Acabe e sua esposa Jezebel continuaram em sua vida de impiedade, mas Deus mandou o castigo devido que ficou registrado em **1 Reis 22.29-38**.

Lições que extraímos desse incidente.

Pelo menos três lições podem ser tiradas das interações de Elias com os falsos profetas:

1) A impiedade e idolatria é punida por Deus, enquanto que a fidelidade ao seu nome é reconhecida e recompensada.

2) Deus opera maravilhas e manifesta o seu poder no meio do seu povo, no seu devido tempo. A grande maravilha operada hoje é que as "portas do inferno" não têm prevalecido sobre a Igreja, cumprindo a promessa feita por Cristo Jesus.

3) As pessoas podem enganar-se a si próprias e adorar falsos deuses, na ilusão de que obterão deles a satisfação dos seus desejos e que neles alcançarão os seus objetivos, mas o Deus verdadeiro subsistirá. Ele reconhece e chama os seus para si. Somente Deus é o recebedor legítimo de nossa adoração.

Daniel adora e dá testemunho ao Deus verdadeiro.

Deus recompensa a fidelidade dos seus servos.

Da mesma forma como Deus detesta a desobediência ele reconhece a obediência dos seus servos, apoiando as demonstrações de fidelidade que recebe. Quando estudamos a história de Daniel, verificamos que ele estava em terra estranha, mas manteve o seu testemunho. Ele havia sido escolhido de forma toda especial, junto com seus três amigos, mas "resolveu firmemente não se contaminar" (Dn 1.8).

Logo de início, Daniel percebeu que, naquelas circunstâncias, aceitar os manjares do rei era o mesmo que indicar a aceitação dos deuses aos quais tais comidas haviam sido ofertadas. Em outras palavras, a aceitação representava desobediência ao primeiro mandamento.

Após essa corajosa decisão, lemos (Dn 1.17) como Deus abençoou e trouxe resultados positivos para a vida dos quatro jovens.

Além do fortalecimento físico, vemos que "... a esses quatro jovens Deus deu o conhecimento e a inteligência em toda a cultura e sabedoria...".

E nós? Estamos preparados para resistir as pressões, ou vamos "com a multidão?" Vamos confiar somente em Deus, cientes de que ele sabe o que é melhor para nós, ou vamos procurar atalhos nos nossos próprios caminhos?

O maligno pressiona os fiéis a se desviarem dos caminhos de Deus.

Satanás não desiste de exercitar suas pressões sobre os servos de Deus.

Anos mais tarde, em sua vida, Daniel foi coagido a adorar outro deus - dessa vez personificado na pessoa do próprio rei Dario.

Contra Daniel pairavam ameaças sobre sua vida, mas a bíblia diz que ele orou (Dn 6.10,11) e manteve sua posição de lealdade a Deus.

Será que, como Daniel, teríamos coragem suficiente para mesmo sob a pena de coação física, falar e agir como servos de Deus? Alguém colocou essa pergunta para um grupo de crentes: "Se você fosse preso por ser crente, haveria evidência suficiente para condená-lo?" Pense um pouco na resposta...

Deus prova o seu poder ao mundo, na vida dos seus servos.

Deus livrou Daniel. Mas observe a extensão dos atos de Deus, num testemunho ao mundo. O próprio rei, em seu decreto, escreveu: Dn 6.25-27.

Que testemunho impressionante. Deus realmente tinha os seus propósitos na aflição temporária pela qual passou Daniel!

As palavras procedentes de um rei ímpio deveriam nos envergonhar. Ele foi forçado a reconhecer a força do Deus todo - poderoso. Quantas vezes nós experimentamos esse mesmo poder em nossas vidas, na nossa salvação e na nossa preservação,, mas com tanta frequência o desprezamos. Deveríamos reconhecer nossa irracionalidade quando procuramos nossa felicidade fora de Deus.

A realidade é que a verdadeira felicidade vem de Deus.

O Primeiro Mandamento Hoje - A Falsa Religiosidade.

Estudamos, em 1 Reis 18.22-30 o incidente no qual Elias confronta os profetas de Baal. Elias representava o lado do Deus vivo e verdadeiro, enquanto que os profetas de Baal representavam as forças que agem contra o legítimo Povo de Deus. Naquela ocasião o Povo de Deus se identificava com os israelitas e hoje com a Igreja Cristã.

Uma análise desse registro bíblico nos revela detalhes sobre a religião falsa praticada pelos profetas de Baal que são no mínimo inquietantes, pois podemos identificar muita semelhança com a situação contemporânea na qual se acha situada a igreja fiel.

1. Similaridade - O primeiro dado que nos chama atenção é que a religião falsa pode ser bastante similar à verdadeira. Com efeito, a prática religiosa dos profetas de Baal pouco diferia da religião verdadeira de Israel. Eles não estranharam quando foram convocados a erguer um altar. Semelhantemente, o povo infiel, quando adorou um bezerro de ouro, em Êxodo 32.6, "madrugou e ofereceu holocausto e trouxe ofertas pacíficas" ao altar que Arão, o líder, havia erguido. Agiram da forma como os verdadeiros adoradores agiam e assim confundiram a muitos. Isto é, a forma e as palavras de ordem, assemelhavam-se às da religião verdadeira, concretizando o aviso que nos dá o próprio Cristo em Mateus 24.24, quando nos fala sobre o surgimento dos "falsos profetas".

2. Espetacularidade - Um segundo fato relevante é que a religião falsa pode ser bastante espetacular. Pensem bem: eram 450 profetas! 450 líderes do povo, todos à frente daquela espetacular manifestação, contorcendo-se, golpeando-se e recorrendo a toda sorte de artimanhas para convencer os indecisos. Contrariavam assim determinações divinas de prática religiosa, como a encontrada em Deuteronômio 14.1 e 2. Certamente toda aquela manifestação espetacular contrastava com a simplicidade da religião verdadeira encontrada no coração do remanescente fiel.

3. Popularidade - Em terceiro lugar, notamos que a religião falsa é bastante popular. Aparentemente, toda a nação a seguia, ao ponto de Elias exclamar (I Reis 18.22): "só eu fiquei dos profetas do Senhor". Mesmo que não houvesse o convencimento pleno de todos, era sempre mais fácil seguir a multidão, procurar o conforto da maioria, em vez de corajosamente identificar-se com os princípios e determinações de Deus.

4. Sinceridade - Um quarto aspecto, que não pode fugir à nossa atenção, é que os praticantes da religião falsa são sinceros. Obviamente existiam os charlatões, os aproveitadores e os que se envolviam sem sinceridade, mas a impressão obtida do relato bíblico, é que a grande maioria sinceramente acreditava no erro que pregava. O desafio colocado por Elias foi aceito prontamente. Chegaram até a derramar o seu sangue por um deus que não existia, por uma religião que os levaria à perdição (18.28).

5. Enganosidade - Por último, verificamos que a religião falsa cega as pessoas. Aqueles praticantes estavam cegos de tal maneira que, deixando-se levar pela enganabilidade supersticiosa, fecharam suas mentes e não enxergavam mais nada à sua frente. Começaram de manhã até o meio dia e seguiram clamando até o final do dia e nunca admitiram a derrota. Em toda história temos o registro daqueles que, cegos por suas religiões, caminharam apressadamente para sua

destruição. Tristemente, temos também o registro daqueles que, em diversas ocasiões, cegamente identificam o cristianismo com estranhas práticas religiosas e com doutrinas estranhas à simplicidade da adoração "em espírito e em verdade" preceituada na Palavra de Deus.

Sabemos da vitória final de Elias, pelo poder de Deus. Ele zombou da religião falsa (18.27), tamanha era a arrogância e ignorância deles perante o Deus soberano. Dessa maneira ele retratou a atitude do próprio Senhor, conforme registro do Salmo 2.4. Mas é importante, igualmente, constatarmos que Elias dirige-se ao povo e os convoca de volta à verdadeira religião dos seus pais (18.30-39). Ele não disse: "eu sei que vocês estão enfadados das práticas antigas, vamos criar algo novo e mais interessante; vamos inovar, afinal estamos em uma outra era e temos que melhorar a nossa comunicação..."; ele ora a Deus para que ele fizesse o coração do povo retroceder a Ele (18.37). Vamos estar alertas, então, para aqueles que, mesmo com o linguajar bíblico, nada mais fazem do que demonstrar a tenacidade e caráter espetacular da religião populista e falsa dos profetas de Baal.